*Luís Furtado, Presidente da Ordem dos Enfermeiros dos Açores*

# "Há enfermeiros açorianos que estão a emigrar"

**Neste Dia Internacional do Enfermeiro, que balanço é possível fazer, em síntese, sobre o estado da profissão nos Açores?**

Ao contrário do que numa primeira abordagem se possa considerar, nos Açores a profissão de enfermeiro tem assistido, apesar dos diversos constrangimentos, a uma evolução muito considerável, com uma elevada diferenciação do ponto de vista da formação pós-graduada recebida e ao nível do desenvolvimento de projectos e iniciativas com coordenação de enfermeiros e que se revestem de importância para as nossas populações aos três níveis de prevenção.

Contudo, e como resultado da condição de arquipélago e das assimetrias que cada ilha encerra, fruto da sua escala no panorama regional, também ao nível da profissão assistimos, nos Açores, a profundas assimetrias. Assimetrias nas condições de trabalho, na disponibilidade de meios técnicos e humanos e no acesso à formação, entre outros.

Em síntese, foram dados passos seguros e no caminho certo, muito há ainda para fazer, especialmente no que diz respeito ao mitigar do efeito das assimetrias entre ilhas.

**Sabemos que tem havido enfermeiros que pedem à Ordem a emissão de documentação para irem para o estrangeiro. São formados nos Açores? Não encontram cá trabalho ou estão a trabalhar e não se sentem devidamente recompensados?**

Cerca de 80% a 90% dos enfermeiros que requerem as declarações de directivas comunitárias para prosseguir com a sua vontade de irem trabalhar para o estrangeiro são, efectivamente, formados nos Açores. A principal causa é claramente a escassez de oportunidades de emprego, mas também a ausência de um emprego através do qual possam perspectivar um determinado percurso profissional. Estes jovens enfermeiros não são apenas mão de obra qualificada disponível para o mercado de trabalho, são, como disse, jovens com ambições e projectos e o Serviço Regional de Saúde e o Sistema de Saúde Português como um todo, têm falhado em assegurar que estes indivíduos, cuja formação foi financiada com recurso aos nossos impostos, vejam reconhecidas as suas aspirações a uma carreira e percurso profissional próprio e devidamente reconhecido.

**Há números? Quantos pediram documentação para irem para o estrangeiro nos últimos tempos? Para que países vão?**

A Secção Regional da Região Autónoma dos Açores da Ordem dos Enfermeiros, desde 2011, regista os dados relativos a cada membro que requer a declaração de directivas comunitárias. O pedido, por si só, não corresponde a um enfermeiro que tenha efectivado o seu processo de emigração, mas é indicativo, fortemente indicativo, de uma vontade. Nos últimos dois anos, no contacto formal que fazemos junto das turmas do quarto ano dos cursos de licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde da Universidade dos Açores, tenho feito a experiência de questionar os estudantes relativamente a uma putativa intenção de emigrar, e posso afiançar que não é incomum mais de metade da turma colocar o braço no ar expressando a sua vontade de sair.

Entre 2011 e 2016 (até final de Abril) requerem a documentação 128 enfermeiros inscritos nesta Secção Regional. E porque este número não tem o nível de granulação para nos permitir uma análise mais rigorosa destes fenómenos, dentro de uma semana iremos iniciar o processo de aferição, caso a caso, da efectivação de emigração e país de destino. Assim, brevemente teremos informação detalhada sobre a emigração destes enfermeiros, nomeadamente a taxa de concretização e os países de destino.

**Esses enfermeiros, em vez de emigrarem, poderiam ser integrados no nosso sistema de saúde? E não são porquê?**

Sim, os enfermeiros que emigram poderiam e deveriam ser integrados no nosso Sistema de Saúde, designadamente, no caso concreto dos Açores, no Serviço Regional de Saúde, onde os indícios da escassez e necessidade destes profissionais são mais do que muitos. E não são integrados por duas ordens de grandeza: primeiro porque o quadro que atravessamos, a nível mundial, nacional e regional, é de contraciclo económico e esta conjuntura desfavorável naturalmente, e infelizmente, para prejuízo de todos, impõe políticas de austeridade que estão a devastar este país a todos os níveis; em segundo lugar, porque os governantes continuam a ver os enfermeiros como despesa, ignorando o efeito positivo que têm na melhoria global da saúde e do bem-estar da população, especialmente ao nível dos cuidados de saúde primários trabalhando na linha da frente da prevenção.

**Em que situação está o chamado enfermeiro de família?**

O enfermeiro de família, enquanto metodologia de trabalho e nos moldes em que o conhecemos aquando da sua implementação no Centro de Saúde de Vila Franca do Campo, não existe. Os Núcleos de Saúde Familiar estão a ser implementados a várias velocidades nas diferentes ilhas (a questão das assimetrias aqui bem patente), e com fortes limitações na sua efectiva concretização por falta de enfermeiros que possibilitem a reorganização da oferta de cuidados nas Unidades de Saúde de Ilha de acordo com o preconizado pela Circular Normativa que cria os Núcleos de Saúde Familiar. Existem diversos constrangimentos, mas também existe, da parte da tutela, disponibilidade para melhorar o referido documento e, bem assim, o funcionamento dos próprios Núcleos de Saúde Familiar.

**O ensino de enfermagem nos Açores está consolidado?**

O ensino da Enfermagem, ao nível do primeiro ciclo, está consolidado nos Açores. Contudo, entre processos desgastantes de integração e este último, de criação da Escola Superior de Saúde da Universidade dos Açores, as duas instituições que formam enfermeiros na Região foram sujeitas a diversos reveses, dos quais destaco a delapidação do seu capital humano, designadamente a saída de assistentes altamente qualificados. Este foi, muito provavelmente, o maior dano sofrido ao nível das Escolas de Enfermagem da Região e poderá, muito bem, ter condicionado a médio e longo prazo o futuro e capacidade das instituições para alargarem o leque da sua oferta formativa.



**A Ordem dos Médicos e o Sindicato Independente dos Médicos têm criticado fortemente as condições de trabalho nos hospitais e centros de saúde, referindo haver "injustiças e irregularidades". Os enfermeiros sentem o mesmo?**

Sim, os enfermeiros sentem o mesmo, mas a este respeito tenho a dizer que o Serviço Regional de Saúde continua a ser muito mais "amigo do médico" e médico-cêntrico, do que "amigo do enfermeiro". Em todo o caso, há que reconhecer que o edifício, o constructo, que hoje reconhecemos como o Serviço Regional de Saúde é algo que deve orgulhar cada um de nós profissionais que nele opera.

Senão vejamos, temos nove ilhas, todas elas com infraestruturas de saúde (variáveis na sua diferenciação e recursos disponíveis), três hospitais, milhares de utentes que anualmente se deslocam entre as várias ilhas recorrendo aos serviços assistenciais que nas suas ilhas de origem não lhes podem ser proporcionados, temos mulheres a dar à luz em três das nove ilhas, temos desafios de logística e segurança que não encontram equivalente em todo o território nacional, e temos ainda a dupla insularidade.

Agora digam-me, não é um feito imenso a existência de um Serviço Regional de Saúde como é o nosso? Eu creio que sim, apesar dos aspectos negativos e de tudo aquilo que ainda não conseguimos fazer como gostaríamos de fazer, temos um recurso de inestimável valor que diariamente disponibilizamos às nossas populações. Cabe agora, por um lado, ao Governo Regional dos Açores, a implementação de políticas de saúde que enrobusteçam o Serviço Regional de Saúde, não o condenando à insustentabilidade nem empurrando pessoas para fora do mesmo, e por outro, àqueles cujos interesses instalados começam agora a estremecer, espernear menos e vestir o fardamento da proactividade.

**Como é que os enfermeiros explicam a longa lista de doentes em espera para cirurgias ou consultas há anos consecutivos, sem que se corrija este drama?**

A lista explica-se, fundamentalmente, por via de dois grandes motivos. Primeiro, um período de tempo muito considerável em que a eficiência e a optimização da utilização dos recursos existentes não foram desígnios daqueles que estavam à frente das organizações e, segundo, quer queiramos, quer não, pelo facto das necessidades das populações, e procura por cuidados de saúde, também ela aumentar.

Vamos conseguir, algum dia, atingir um nível zero em termos da espera para cirurgia e consultas? Não creio, contudo, há que manter o esforço em proporcionar mais e melhores cuidados, melhorar a acessibilidade aos mesmos e, acima de tudo, garantir tempos mínimos de espera compatíveis com os resultados e ganhos que almejamos alcançar em termos daquilo que é a saúde da possa população.

**O Serviço Regional de Saúde precisa ou não de uma espécie de revolução?**

O Serviço Regional de Saúde, mais do que de uma revolução, precisa de coragem. Coragem para correr e fazer vergar aqueles que do cimo dos seus pelouros se instalaram no sistema e se debatem para que ele continue ao serviço dos seus interesses. Coragem para dizer basta às lutas e exigências de cobiçar e querer para "o meu quintal" aquilo que o vizinho tem no seu (assim não vamos lá, esta é a receita perfeita para a insustentabilidade do Serviço Regional de Saúde). Coragem para, da parte de quem governa, dizer não a quem tudo exige e ao facilitismo de ceder a troco da sedução do voto. E, por fim, aquilo que ninguém tem feito e que deveria ter sido o maior investimento no Serviço Regional de Saúde, explicar às populações que não podemos, nem é desejável, termos tudo à nossa porta.

*jornal@diariodosacores.pt*